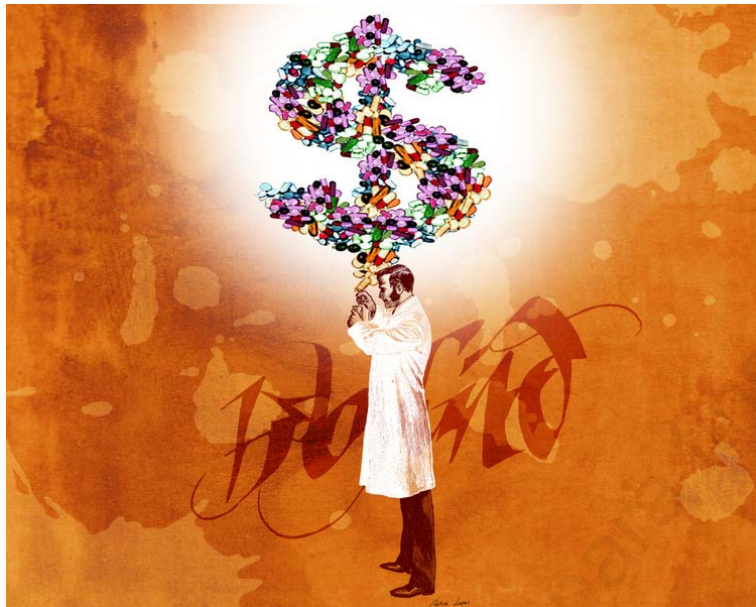


Estudantes querem unir medicina com administração

Rebecca Knight

Escolas passam a oferecer dupla titulação para atender a essa nova demanda.



Na virada do século XX, Abraham Flexner, um pesquisador acadêmico da Carnegie Foundation, visitou as 155 faculdades de medicina então em funcionamento nos Estados Unidos e no Canadá, numa missão investigativa sobre a qualidade e os padrões do moderno ensino de medicina.

Em suas descobertas, Flexner caracterizou algumas escolas como "indescritivelmente sujas" e uma em particular foi descrita como "um local do país afetado pela peste". Aproximadamente metade das escolas foram fechadas como resultado de seu relatório e o currículo que ele propôs - dois anos de aulas de ciências básicas, seguidos de dois anos de rodízios clínicos - rapidamente se transformou em norma.

Hoje, esse currículo se tornou padrão e deixa pouco espaço para outra coisa. Muitos alunos de medicina se formam sem ter ideia de como o seguro funciona, ou de como montar um consultório. Mas numa época em que questões como a alta dos custos do seguro-saúde e o envelhecimento da população dominam a agenda política, muitos estudantes estão percebendo que essa abordagem tradicional não é mais suficiente. Um número crescente deles vem somando aos seus cursos de medicina um MBA (MD/MBA).

"Para provocar o impacto que eu quero, preciso entender como os negócios funcionam", diz Fallon Upke, aluna de MD/MBA da Faculdade de Medicina da Universidade Duke e da Fuqua School of Business da Carolina do Norte.

Fallon, presidente do centro acadêmico dos alunos da escola, almeja trabalhar em um hospital em uma função estratégica e de liderança após a graduação. "Com apenas um diploma de médico, eu poderia cuidar de pacientes e isso é uma coisa muito nobre, mas eu quero mudar a maneira como praticamos a medicina", afirma ela.

Os programas conjuntos de MD/MBA, que combinam treinamento médico com o estudo de negócios e gerenciamento no setor de saúde, têm se multiplicado nos Estados Unidos nos últimos anos. Em 1993 havia cinco programas; hoje eles são 65, segundo números da Association of MD/MBA Programs (AMMP).

Entre as principais escolas que oferecem a graduação dupla estão Columbia, a Universidade da Pensilvânia, Harvard, Dartmouth e Cornell. Recentemente, o Karolinska Institutet da Suécia se

tornou a primeira faculdade da Europa a oferecer a graduação conjunta de medicina e negócios.

"O sistema de saúde não funciona num vácuo", diz Don Melville, diretor da MBA e programas de mestrado da Desautels Faculty of Management da Universidade McGill. "Um médico que conhece sua especialidade, mas também o lado administrativo, é capaz de melhorar a eficiência e o valor do sistema."

Maria Chandler, presidente da AMMP, diz que a tendência em direção a esses programas está sendo conduzida pelos estudantes. "Os alunos estão reconhecendo a complexidade do sistema de saúde", diz ela. As escolas veem esses programas como "um bom mecanismo de recrutamento", segundo acrescenta Chandler, uma pediatra com MBA e que também é professora clínica associada das faculdades de medicina e negócios da Universidade da Califórnia em Irvine. "Se você não tiver um programa de graduação dupla, isso vai limitar os tipos de estudantes interessados em sua escola."

A maioria dos programas de MD/MBA tem duração de cinco anos e são estruturados de maneira parecida. Os alunos passam três anos completando o currículo médico exigido, seguidos de um ano na escola de negócios fazendo cursos de administração, como finanças, estratégia e marketing.

Geralmente, o último ano é passado em cursos facultativos nas duas escolas. A maioria encoraja os alunos a completar a residência médica ou outro treinamento clínico após a formatura. O objetivo é criar médicos que entendam os principais conceitos do mundo dos negócios e que sejam adeptos do trabalho em equipe, segundo diz Stefanos Zenios, professor de gerenciamento de saúde da Stanford Graduate School of Business.

"Não estamos apenas ensinando os negócios inerentes à medicina; estamos ensinando negócios em geral", diz o professor Zenios. "Trata-se das competências profissionais da administração, como orçamento e contabilidade, mas também habilidades interpessoais, que definem como você trabalha em uma organização complexa com culturas e formações diferentes, como você promove mudanças e influencia os outros."

Muitos estudantes afirmam que a escola de negócios proporciona um alívio positivo à faculdade de medicina, que exige muita leitura, memorização e trabalho acadêmico solitário. Isso porque elas tendem a envolver mais atividades em grupo. "Eles usam uma parte diferente do cérebro e adoram o aspecto social, experimental e colaborativo do currículo de MD/MBA. A maior parte acha matérias como finanças bastante desafiadoras", diz o professor Zenios.

Os programas são relativamente novos, de modo que ainda não existe uma carreira bem estabelecida. Diretores de escolas afirmam que a maioria dos graduados em MD/MBA busca atuar em áreas nas quais pratiquem a medicina. Outros trabalham como administradores de grandes grupos hospitalares, no mundo acadêmico ou em organizações sem fins lucrativos; alguns se tornam empresários que desenvolvem novos diagnósticos, equipamentos e tratamentos médicos. Raramente alguém ingressa nas áreas de banco de investimentos, private equity ou consultoria.

"Os diplomados estão passando por uma economia turbulenta", diz Kevin Schulman, professor de medicina e administração de empresas em Fuqua. "Eles entendem que algo fundamental está mudando no setor de saúde. Existe um interesse genuíno em aprender sobre os problemas e a maioria está comprometida com a carreira na medicina."

No Brasil, busca por formação em negócios acontece na pós

No Brasil, as discussões sobre a inserção de disciplinas relacionadas à gestão de negócios e empreendedorismo nos cursos superiores de medicina ainda são incipientes. O modelo consolidado no país é de formar bons médicos na graduação e deixar a especialização em gestão da saúde para programas de pós-graduação. "Já existe um movimento em prol do ensino de temas ligados à gestão, mas isso não está inserido na formação tradicional do

médico", diz Libânia Alvarenga Paes, vice-coordenadora do curso de especialização em administração hospitalar e sistemas de saúde (CEAHS) da Fundação Getúlio Vargas.

Na Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, uma das mais tradicionais do país, por exemplo, os alunos têm, há cinco anos, a opção de cursar uma disciplina eletiva chamada "fundamentos de gestão e economia para o profissional da saúde". Voltada para um entendimento mais amplo do ambiente corporativo na área médica, a matéria pode se tornar parte do currículo obrigatório da graduação em 2013, segundo Eduardo Medeiros, coordenador do curso de medicina da Escola Paulista de Medicina. "É possível implementar novas disciplinas sem fazer grandes mudanças na estrutura do curso ou no número de horas de aula", diz Medeiros.

"Não há dúvida de que, com o tempo, temas ligados à gestão serão levados para a graduação de forma mais ampla", diz Bento Cardoso, coordenador do MBA executivo em gestão de saúde Einstein-Insper. Hoje, no entanto, completa, só existem cursos paralelos que ajudam os médicos a entenderem melhor de administração.

Medeiros afirma que faz falta aos médicos, quando entram no mercado de trabalho, saber como administrar consultórios e relacionar-se com os planos de saúde do ponto de vista financeiro.

Libânia, da FGV, diz que médicos que se destacam em suas atividades assistenciais normalmente são convidados a assumir postos gerenciais nos hospitais. E é nesse momento que sentem a necessidade de buscar uma formação mais relacionada à gestão. "Eles não têm o jargão do meio corporativo e as ferramentas necessárias para fazer a gestão de um negócio. Isso faz falta quando assumem cargos administrativos", diz a vice-coordenadora.

Tanto no programa da FGV como no do Insper, mais da metade das classes são compostas por médicos que têm, em média, entre quatro e cinco anos de formados.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 16 maio 2012, Eu & Investimentos, p. D3.